

[(1886), *Jornal do Commercio*, ano XXXIV, nº 9886, 12 de Novembro (Lisboa)]

## [XII] - HISTÓRIA DA ZOOLOGIA. EXPLORADORES ZOOLOGICOS PORTUGUESES, ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Foi principalmente a impulsos de Lineu que começaram as viagens de exploração zoológica, feitas por naturalistas de profissão, com o fim principal de estudar a natureza viva nos países visitados e não como simples acessório das grandes viagens. Lineu enviou muitos dos seus discípulos com a missão especial de fazerem investigações de história natural nos diferentes países, entre os quais citaremos Kalun, Lœffrug e Hasselquist.

As atenções então dirigiam-se ainda de preferência para a Ásia: Hasselquist tinha sido expressamente convidado a explorar a Palestina.

A América do Sul não tardou porém a ser também o objecto de todas as atenções.

Sonnin explorou Caveda e os resultados das suas colecções principalmente ornitológicas, feitas naquele país, comunicou-os a Buffon, que os introduziu na sua *História Natural*. Gumilla escreveu uma obra sobre a região do rio Gumilla, mas ela contém apenas vistas gerais. Gumilla não presta grande atenção às diferenças que separam as diversas espécies. Outro é o livro em que Philippe Farming relata as suas viagens da Guiana holandesa, a qual apresenta uma colheita de factos zoológicos bem mais rica. Já numa época precedente Pedro Barrière explorara muito mais seriamente sob o ponto de vista zoológico a Guiana francesa ou a França Equinocial, como ele lhe chama no título da sua obra. Por volta também de 1770, quando Fermin explorava a Holanda Equinocial, Giovanni Inácio Molina explorava o Chile e dava descrições detalhadas dos animais que ali havia observado, acompanhando-as duma diagnose latina muito concisa.

Cada nação enviava o seu explorador à distante colónia americana.

Mas as explorações continuavam pelo Oriente e eram ali muito mais importantes para a zoologia. Nestas avultam as que foram empreendidas sob os auspícios do governo russo para estudar a história natural da Ásia Central e da Sibéria, e aonde figuram os nomes de Pallas e de Omelin. A África era já bastante explorada. Entre os exploradores da Ásia, nesta época, contam-se Forskal e Niebuhr, Roussel, Latham e Davis; na África figuram Sparrmann, Bruce, Le Vaillant e Thunberg.

Que fazia Portugal? Carregado do ouro remunerador do seu grande movimento político e geográfico, que fazia ele para acompanhar este grande movimento da zoologia? Como viam os nossos reis e governos as *curiosidades naturais* que os vice-reis e governadores lhes enviavam para seu recreio, e com que se formava o «Gabinete Real da Ajuda»? Nesse grande movimento que ia pelo Oriente, que fazia Portugal de sério e importante pela Índia? Na América do Sul, quando a Espanha explorava zoológicamente a região do Orinoco, e a França e a Holanda as suas Guianas, que fazia ele de semelhante pelo seu rico Brasil? A História da Zoologia não nos diz que Portugal tomasse qualquer atitude a este respeito e não se encontra nela a menção de uma única viagem portuguesa de exploração.

Menciona-se Guilherme Piso, holandês e Jorge Marcgrav, saxão, que publicaram em comum uma *História Naturalis Brasilicæ*, em 1618; e Spix e von Martins, ambos da Baviera e que, muito mais de século e meio mais tarde, deram um conhecimento assaz completo da fauna do Brasil.

Ora, entre a época de Piso e Marcgrav e a de Spix e Martins, é certo que Portugal, ou ao menos um ilustre português, prestou à fauna do Brasil a mais séria atenção que podia, no seu meio e no seu tempo e que os seus trabalhos se tivessem sido publicados logo e convenientemente figurariam hoje ao lado dos de Azara e mesmo, em parte, ao lado dos de Spix.

No mesmo tempo (diferença de 2 ou 3 anos) em que a Espanha enviava Azara a desempenhar a importantíssima comissão de delimitação das fronteiras do Paraguai e em que Portugal estava a braços com essa melindrosa questão política com os seus vizinhos do velho e do novo mundo, o governo português enviou ao estado do Grão-Pará uma comissão científica, uma «Expedição filosófica» para a qual foi escolhido um brasileiro (então, um verdadeiro português) de brilhantes estudos sistemáticos, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

Se bem que encarregado de uma exploração geral e por uma grande parte política e social, o Dr. Rodrigues Ferreira, levava oficialmente o título de «Doutor Naturalista», facto tanto mais curioso, quanto é certo que em Portugal a preocupação política tem sido sempre a grande incompatibilidade de todo o desenvolvimento científico. Esta excepção à regra foi infelizmente um verdadeiro aborto, e não tardou muito que o nosso movimento científico retomasse o seu carácter particular.

Enquanto, que os trabalhos zoológicos de Azara ficaram e hoje ainda as suas traduções se colam por bom preço nos catálogos das mais importantes livrarias, os de Alexandre Rodrigues Ferreira não passaram do manuscrito e acham-se dispersos e o seu nome devendo figurar na história geral da zoologia, ficou para ela completamente apagado.

Há mesmo muito poucos portugueses que tenham ouvido falar de Alexandre Rodrigues Ferreira.

O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Baía a 27 de Abril de 1756.

Era homem de raros dotes intelectuais, como o prova, não tanto a escolha que o governo dele fez para a exploração do Pará, pois que isso nem sempre tem significado, mas os seus brilhantes estudos e os resultados da comissão de que se encarregou, resultados infelizmente todos inéditos e já hoje sem prioridade.

O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira partiu de Lisboa em 1783 (1 de Setembro), acompanhado por dois habilíssimos desenhadores e um jardineiro botânico. Os desenhadores de cujo talento admirável logo falaremos detalhadamente, chamavam-se José Joaquim Freire e Joaquim José Codina.

Mal que chegou ao estado do Grão-Pará, o Dr. Ferreira começou as suas explorações na Ilha Grande de Joannes ou Marajo. Explorou depois o sertão do Pará e Rio Negro, o rio Branco, o Madeira, o Guaporé, a serra do Cuanurú, Mato Grosso e Cuiabá.

Foi um explorador infatigável, percorrendo aqueles diversos pontos durante dez anos consecutivos, e foi enorme o número de produtos naturais com que enriqueceu o gabinete da Ajuda. Só da exploração propriamente do Pará que durou metade do tempo, (cinco anos) o Dr. Ferreira remeteu, por sete ou oito vezes, 203 volumes («Caixões, Frasqueiras e Barris»), contendo artefactos dos naturais, aves empalhadas e tartarugas, peixes em aguardente, etc. tudo acompanhado de 629 desenhos («Riscos de Animais e Plantas»).

Saint Méray, o tradutor da história natural dos quadrúpedes do Paraguai de D. Félix de Azara, atribui muito os surpreendentes resultados a que chegou o naturalista espanhol à «espécie de independência», que lhe dava a sua qualidade de celibatário,

ao ter de partilhar somente os seus cuidados com o desempenho das suas funções militares e a contemplação da natureza.

Não aconteceu o mesmo a Alexandre Ferreira, que não só era casado, ou, então, já viúvo, durante a expedição, o que não só teve a falta de independência do celibatário, ou a solidão da viuvez, mas que teve de regular os negócios da casa pertencente à família de sua mulher, que o falecimento de seu sogro, contratador dos Meses Pesqueiros na Capitania do Pará, deixara muito embrulhados, com um alcance de onze mil e tantos cruzados à Fazenda Real, e com outra dívida ainda maior à extinta Companhia Geral do Comércio daquele Estado.

Preocupado com estes desgostos de família, foi-o ainda com o estado precário da sua própria bolsa, pois que, em memorial escrito sete anos depois do seu regresso e existente com outros dos seus manuscritos na Biblioteca do Rio de Janeiro, pedia ao príncipe regente D. João o ofício de secretário da Alfândega de Pernambuco, que estava a vagar, pedido que fazia «por ter esgotado o património que herdara de seus pais para suprir o *déficit* da sua ordinária despesa em 10 anos que visitou os sertões do Brasil», e «para servir (ao príncipe) naquelas partes, já que não podia nestas».

Com efeito, Alexandre Ferreira, tendo durante a sua expedição lutado muito e gasto todo o seu património, bem ao contrário do outro naturalista da Península, seu contemporâneo, que, além de solteiro, como diz Saint Méray, assumia na fronteira do Paraguai as funções mais rendosas e tinha, embaixador nas primeiras cortes da Europa, o irmão, que lhe promovia a tradução e impressão dos seus manuscritos em Paris; Alexandre Ferreira, dizíamos nós, regressava a Portugal, cuidando pôr em ordem, no repouso do gabinete, todos os valorosíssimos materiais, que tão penosa e preocupadamente havia recolhido, e dar-lhes publicidade, quando a maior ingratidão o esperava e invejosas aspirações conseguiram fazer com que o governo nunca lhe concedesse os meios necessários para a publicação dos seus trabalhos, e com que o Dr. Ferreira se consumisse, enfim, de desgosto. Diz-se mesmo que alguém, para mais o afligir, lhe punha em desordem os exemplares que classificava e ordenava no gabinete da Ajuda.

O Dr. Ferreira chegara contudo a ser nomeado em recompensa dos seus trabalhos, administrador ou director do Real Gabinete de História Natural da Ajuda e Jardim Botânico, mas não o deixaram viver tranquilo neste modesto emprego em que teria só a satisfação do espírito.

Os exemplares recolhidos pelo Dr. Ferreira existem ainda, parte deles, em boa conservação, na secção zoológica a Escola Politécnica de Lisboa. Entre eles há o célebre peixe descrito e figurado por Valenciennes, sob o nome de *Rinolepis hutrix*, segundo uma descrição e um desenho comunicados por Vandelli. É um peixe raríssimo. Capelo, num estudo que dele fez, publicado no *Jornal das Ciências* diz que ele é representado no mundo científico por um só exemplar existente no Museu de Lisboa, o qual é o que trouxe Alexandre Rodrigues Ferreira e que foi um presente do capitão-general da Capitania do Pará, João Pereira Caldas.

São numerosíssimos os manuscritos do Dr. Ferreira. Recolhidos todos no Museu da Ajuda logo depois da morte do autor, por Brotero que passou recibo à sogra dele, no fim duma detalhada relação, esses manuscritos foram remetidos à Academia das Ciências para dar parecer sobre a sua publicação, e não podendo levar-se a efeito essa publicação apesar do parecer ser favorável, o governo português mandou-os entregar por fim por uma portaria ao governo brasileiro, com a condição de este os publicar. Chegados porém ao Brasil os manuscritos dispersaram-se.

No Museu de Lisboa existe uma parte deles (uns originais, outros duplicados) e dois magníficos atlas dos desenhos executados por Freire e Codina.

Desses dois atlas o que ilustra a parte zoológica da viagem é admirável. Contém grande número de figuras de indígenas, de mamíferos, de aves, de répteis, de peixes e de insectos, sendo as das tartarugas e dos peixes verdadeiramente surpreendentes pela fidelidade científica da execução e por terem ao mesmo tempo o detalhe e o *ensemble*, não sendo este de modo nenhum prejudicado por aquele.

Estes atlas foram salvos miraculosamente do balcão do merceiro pelo ilustre director do Museu de Lisboa, Dr. Barbosa du Bocage, que os comprou a uma mulher de idade em casa da qual, junto do Palácio da Ajuda, paravam misteriosamente!

Um dos mais admiráveis daqueles desenhos é o da tartaruga *mata-mata* espécie já descoberta pelos precusores do Dr. Ferreira na América do Sul, Barrera e Fermín e que Spix depois tornou a encontrar no Pará. É uma tartaruga de forma tão particular que mereceu que para ela (única espécie até hoje encontrada) se estabelecesse um género novo. O Dr. Ferreira descreveu-a com o nome de *Testudo torticollis*.

Acabamos de fazer sobre esta descrição do Dr. Ferreira um minucioso estudo que basta para mostrar o valor do ilustre zoólogo português; comparamos essa descrição feita em latim, com a que vinte anos depois fez o explorador da mesma região, e chegámos a esta conclusão, que não há uma frase da diagnose de Spix que não encontre na de Ferreira a sua correspondente mais ou menos exacta. Há bem poucos caracteres mencionados pelo patrocinado do Rei da Baviera que o olvidado explorador português não tivesse observado e descrito cuidadosamente.

Nos detalhes da sua descrição, Spix compara a boca da tartaruga em questão à do sapo; o ignorado explorador português vira muito bem esta semelhança e descreveu: *Ore amplo et potius Ranæ quam Testudini simili*; o número das escamas e dos apêndices membranosos da cabeça, a descrição concisa e inimitável de uma tromba característica em que se prolonga o nariz da *mata-mata* e da forma e estriação das escamas; tudo concorda perfeitamente com o exemplar e com as descrições dos autores modernos e, nos dois últimos pontos a que nos referimos, julgamos mesmo superior a linguagem científica do Dr. Ferreira.

Não cabe nas proporções nem na índole destas revistas entrar em mais detalhes sobre a história da exploração e dos trabalhos do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

Estando neste momento ocupado com o minucioso estudo de alguns dos seus desenhos e trabalhos zoológicos, quisemos apenas dar a conhecer suficientemente aos nossos leitores esse português tão ilustre quão ignorado, verdadeiro precursor dos Spix, dos Martins, dos Humboldt e Bonpland, cujo nome poderia ter ficado para sempre inscrito ao lado de D. Félix de Azara e que se acha inteiramente apagado na História da Zoologia!